A GUERRA CIVIL DE GUMERCINDO SARAIVA

DE JULIO ZANOTTA

ESTE GUMERCINDO

Gumercindo Saraiva é resultado da guerra civil mais violenta do Brasil. Comandou uma montonera rebelde, foi derrotado, morto e decapitado. Nascido na fronteira entre a barbárie e a civilização, escolheu o fio da faca para alcançar a glória. A violência e a lealdade dos homens que o seguiram escreveram a história da guerra civil que comandou. Tivesse vencido a guerra e o Rio Grande não seria o que é.

Certa visão da história tende a pintar a Revolução Federalista de 1893 como indigna da honra dos gaúchos. Nós, artistas, pensamos diferente. Não louvamos militares com dragonas douradas montados em corcéis de bronze imobilizados nas praças públicas. Rabiscamos montoneras revolucionárias num galope real de sangue e barro enfrentando metralhadoras, quadrados de baionetas, canhões. E, sem justiça nem piedade, degolando. Às vezes, apenas por diversão. Para quebrar o tédio dos acampamentos e das marchas com uma talagada de ódio.

A universalidade do tema Gumercindo Saraiva é uma reflexão sobre a rebeldia que se levanta contra a tirania em defesa da liberdade.

ESTE CAVALCANTI

Cavalcanti (Cava), é professor de arte no Atelier Livre da Prefeitura onde ministra as oficinas de desenho e gravu ra. Realizou inúmeras exposições, coletivas e indivi duais. Ganhou muitos prêmios e atualmente é artis ta convidado da Bienal do Mercosul.
A paixão que o convenceu a pintar os painéis de "A Guerra Civil de Gumercindo Saraiva" o le vou a tornar visível o oculto. Atraído por ca minhos desconhecidos, fez parte de um pro cesso anárquico de construção no qual er rar é um exercício de profunda liberda de. Num curto espaço de tempo, cons truiu em grandes formatos duzentos e cinquenta metros quadrados de pintura para o cenário da peça. Concretizou uma convicção vigorosa que acredita na necessidade de se dizer claro e legível para o meio do qual a arte é fruto. Partilhou o que o olho vê e as viagens da imaginação. Entrou de ca beça num caminho raro.

Do alto, a partir da esquerda: Gaio Fontella, Fernanda Santhos, Jo
Tito Ravaglia, Lidi Hoffmann, Graziella Gallicchio e Henrique Pa

nas Dornelles, Henrique Muller, Pablo Parra, Cibele Blanco, Rosa Lima,
squal.

ESTE MUSEU

A Sala do Acervo de Máquinas consolidou-se juntamente com a criação do Museu do Trabalho, significando uma mostra do processo de produção industrial. Nela estão expostos instrumentos de trabalho, ferramentas, máquinas, peças manufaturadas e artefatos rústicos. A mostra apresenta desde peças de trabalho indígenas até caldeiras, mostrando o desenvolvimento dos ciclos tecnológicos, rurais e da indústria gráfica e têxtil no Rio Grande do Sul.

Abrindo as portas para uma peça teatral, deixando que o acervo e suas máquinas tornem-se o cenário de um drama histórico, as máquinas saem do seu estado estático: o acervo museológico do Museu do Trabalho se torna ativo. Esta proposta contemporânea de museologia tem o objetivo de envolver os itens expostos na apresentação teatral, integrá-las na cenografia do espetáculo e assim revitalizar-se. A interação entre as peças de trabalho, as pinturas e sua iluminação cênica, contraria o seu papel como peça de exposição. O resultado é uma recontextualização. Cria-se assim uma experiência única, oferecendo ao espectador um novo ponto de vista do acervo de máquinas.

FICHA TÉCNICA

A GUERRA CIVIL
DE GUMERCINDO SARAIVA
Texto de Julio Zanotta

ELENCO: Gaio Fontella, Rosa Lima, Tito Ravaglia, Pablo Parra, Fernanda Santhos Graziela Gallicchio, Lidi Hoffmann.
MÚSICOS: Henrique Pasqual, Henrique Muller, Jonas Dornelles, Cibele Blanco
ILUMINAÇÃO: Gerry Marquez MEDITAÇÃO DE GRUPO: Gaio Fontella
FIGURINOS: Irene Machado. Colaboraram Alan Castro e Graziela Gallichio.
FOTOS DE CENA: Cláudio Etges DIVULGAÇÃO: Jussara Porto
DIREÇÃO DO MUSEU DO TRABALHO: Hugo Rodrigues
GERENTE: Anne Katrin DIREÇÃO MUSICAL: Henrique Pasqual
CANÇÕES: Autoria de Henrique Pasqual, Henrique Muller, Jonas Dornelles e Cibele Blanco. Letras de Julio Zanotta.
DESENHOS DOS PAINÉIS
Cavalcanti (Cava)
DIREÇÃO
Julio Zanottta

AGRADECIMENTOS: Walnei Costa, Sirmar Antunes, Claudinei, Pernambuco, Jaca, Marcos Pilar, Rui Gonçalvez Diniz, Miguel do Espírito Santo, Fausto Domingues, Olívio Dutra e Dona Judith, Lico Silveira, Wagner Cunha, Izabel Cristina Alves, Valentina Serpa, Dodô, Caé, Artistas do Museu do Trabalho, Pena Cabreira, assistentes de Cavalcanti.

SOBRE GUMERCINDO SARAIVA

"O general é homem de uns quarenta anos, de estatura alta, forte mas esbelto. Seu ondulado cabelo preto, em forma de melenas, denuncia uma calvície precoce. A fronte é alta e espaçosa. Usa suiças, barba pontuda, bigode espesso. As sobrancelhas são singularmente pouco povoadas. Pele rosada, boca pequena, nariz aquilino. Os olhos castanhos são vivos e astutos, mas possuem, também, um magnetismo animal. No entanto, emana às vezes do semblante deste homem de guerra uma grande doçura, sobretudo quando fala aos soldados, em tom paternal." *("O HOMEM QUE INVENTOU A DITADURA NO BRASIL", Décio Freitas, pgs 151/2, Editora Sulina, citando o jornalista norte-americano A. Bierce, correspondente do Tribune, de Nova York, que entrevistou Gumercindo Saraiva.)*

"O principal feito da guerra civil de 93 não se traduz neste ou naquele episódio isolado (como o cerco de Bagé, mesmo o da Lapa, por exemplo), mas na sucessão de duros e penosos lances em que se encandeia a grande marcha de Gumercindo Saraiva." *("MARAGATOS E PICA-PAUS, GUERRA CIVIL E DEGOLA NO RIO GRANDE", Carlos Reverbel, pg.59, L&PM Editores.)*

"A Divisão do Norte e a de Gumercindo Saraiva rapinaram os campos por onde passaram, deixando um rastro de sangue, ora dos partidários dos republicanos, ora dos simpatizantes dos federalistas. Bandos armados eram lançados em todas as direções, em busca de cavalos, víveres e armas. Galopavam soltos os cavaleiros do Apocalipse." (*"REVOLUÇÃO DE 1893", Moacyr Flores e Hilda Agnes Hübner Flores _ pg. 71, Ed. Martins Livreiro.*)

"Se Gumercindo tivesse prosseguido em sua ofensiva no rumo de São Paulo, é possível que o florianismo, já solapado nos meios conservadores, entrasse em derrocada. Mas isto seria exigir demais do chefe de *montoneras* que se transfomara em general, e de um exército irregular que marchara milhares de quilômetros, falto de munições e de armas." (*"A GUERRA CIVIL DE 1893", Sérgio da Costa Franco, pg. 55, Ed. Edigal*)

"Lutou-se, enfim, em três estados, nas mais adversas condições para ambos os bandos, durante dois anos e meio. Não se tratou de um combate lírico, quais tantas outras rebeliões internas. Os choques armados foram terrivelmente mortíferos e os sacrifícios que se impuseram os combatentes não encontram paralelo em qualquer outro movimento insurrecional da história brasileira." (*Idem, pg. 57*)

"Mandei baixar a padiola, accendi uma vela e levantei o ponche que lhe cobria a cabeça. Estava deitado sobre o lado direito. Calmo como n'um somno tranquillo, e depois de três annos de luta sem descanço, era o primeiro que elle dormia tranquillo, porque não tinha mais de cuidar da vida e da salvação dos seus companheiros. Seu papel estava terminado." (*VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO, NARRATIVA DA REVOLUÇÃO DE 1893", Ângelo Dourado, pg. 69, Martins Livreiro-Editor, 1977, edição fac-símile.)*